



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para o jornalista Audálio Dantas

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 16 de julho de 2009

Obs: Entrevista divulgada após 28.11.2009, data do lançamento do livro “O menino Lula”.

Audálio Dantas: Eu vou lhe explorar o possível. São 9h40. Eu aceito, com adoçante, por favor.

Bom, mas vamos começar na Vargem Comprida, lógico, não é? Eu lhe dizia que apesar daquela pobreza, não ter infância no sentido de ser menino, brincar, se divertir, desfrutar da vida, mas lembranças deve haver. Então, a primeira pergunta seria o que foi a sua vida no sertão até os sete anos de idade, que foi o que você ficou por lá.

Presidente: É, foi o que eu fiquei por lá, até...

Audálio Dantas: Tem muita coisa, né?

Presidente: Até o dia 13 de dezembro de 1952.

Audálio Dantas: Você veja que a lembrança está funcionando.

Presidente: Olha, o que eu lembro, na verdade, Audálio, desse período de sete anos lá não é muita coisa, porque era uma vida, era uma vida sem, eu diria...

Audálio Dantas: Sem brilho.



Presidente: Era uma vida sem emoção. Você não tinha bola para jogar, você não tinha bolinha de gude, você não tinha nada. Mas, o que é que eu lembro? Eu lembro, eu tenho uma imagem muito nítida da casa em que a gente morava. Era uma casinha que nós chamávamos, na época, de meia-água. Lembro de como é que a gente tomava café de manhã. Até quando eu saí de Garanhuns, o café da manhã era uma... café preto em uma cuia, com farinha de mandioca, fazia o mingau e você tomava café de manhã. Eu lembro de um açude que... hoje eu vou lá, parece um poço, mas naquele tempo parecia o mar de tão grande que era, sabe? Eu lembro dos meus irmãos mais velhos pegando piaba naquele açude. Era lá que a gente ia buscar água para beber.

Audálio Dantas: Era longe essa água?

Presidente: Era perto. Naquele tempo parecia tudo muito longe, mas a água era... Era, da minha casa assim, tinha uma descida e... quanto? Um quilômetro, um quilômetro e pouco, você ia pegar água, e era uma água barrenta, uma água suja, mas era aquela que tinha, você pegava para beber. Eu lembro quando, no tempo que tinha tanajura, a gente pegando tanajura para comer.

Ministro Franklin Martins: Pegava tanajura?

Presidente: Pega a formiga, você vai pegando e vai colocando em uma lata...

Audálio Dantas: Você faz o furinho...

Presidente: ...e depois tira a bundinha dela e frita, aí você come. Ainda hoje na Paraíba, você compra, na estrada, em saquinho plástico, como se fosse amendoim.



Audálio Dantas: É, é isso.

Presidente: Saquinho de papel.

Audálio Dantas: Frita.

Presidente: Você come bem torradinha. Fica parecendo um grãozinho de café torrado.

Audálio Dantas: E essas caminhadas até o açude, qual era...

Presidente: Então... mas deixa eu só te contar tudo o que eu lembro para depois a gente tentar esmiuçar.

Audálio Dantas: Está bom.

Presidente: Eu lembro que quando chovia, uma das coisas gostosas que a gente fazia era fazer uma parede de areia para deixar juntar água para a gente poder pôr em uma lata e beber. Eu lembro de um cemitério de pagãos que era um lugar onde a gente enterrava as crianças que não eram batizadas. Eu tenho... Eu vi lá enterrar dois irmãos meus que morreram...

Audálio Dantas: Irmãos...

Presidente: ...porque... acho que era uma menina e um menino que não tinham sido batizados e foram enterrados ali. Perto do açude, do meio da casa em que eu morava até o açude. O que é mais que eu lembro, assim? Eu lembro do cachorro que a gente tinha, chamado Lobo, que foi um cachorro que



quando a gente veio para São Paulo, a gente foi para uma bodega lá chamada Bodega de Tonzinho. A gente ficou lá trancado...

Ministro Franklin Martins: Bodega de quê?

Presidente: Bodega de Tonzinho, que era o nome do cara.

Ministro Franklin Martins: Tonzinho.

Presidente: Tonzinho.

Audálio Dantas: O dono da bodega.

Presidente: Foi onde eu vi o primeiro jogo, onde eu vi o primeiro jogo de futebol, na Copa de 50. Você não ouvia nem o jogo. Era um vento, era um barulho, era um chiado, que você ouvia mais o vento do que a transmissão do locutor. Mas era a única pessoa que tinha rádio ali naquela região. E eu tinha uma noção de uma coisa grande... Quando eu fui lá agora, era tudo muito pequeno. E eu lembro que a gente veio embora e esse cachorro ficou dois dias rodeando a casa para vir com a gente, e a gente não pôde trazer o cachorro.

Audálio Dantas: Tudo isso que você está falando, depois eu vou perguntar em cima.

Presidente: Eu lembro de uma brincadeira que eu e Frei Chico, e acho que o Vavá, fizemos com a minha irmã Maria, que para ir na casa do Tonzinho... para ir na casa de uma pessoa chamada Luís Custódio, que morava lá, tinha que atravessar uma parte do açude, e a minha irmã foi lá, nós começamos a chorar como se fossem as crianças pagãs chorando. E essa minha irmã saiu numa



disparada, com um medo desgraçado. Eu lembro quando a gente ia para a casa de um parente, e fazia uma tocha com um pano encharcado no querosene para ir iluminando a nossa caminhada. Deixa eu ver mais do que eu lembro... Eu lembro dos meus irmãos mais velhos chegando em casa com um passarinho.

Audálio Dantas: O Chico, o Frei Chico.

Presidente: Não, aí o meu irmão...

Audálio Dantas: Ah, não, era o...

Presidente: O Zé, que já morreu, o Jaime. Eu lembro deles chegando em casa com um preá, chegando em casa com um passarinho que eles matavam. Saíam de manhã para caçar, que era a mistura que a gente tinha. Eu lembro das arapucas que se fazia para o preá. Você fazia... no caminho do preá, você cavava um buraquinho, colocava uma tábua em cima de um pauzinho, que quando o preá passava, afundava, e ele caía. Você ia lá pegar o preazinho. Eu lembro dos meus irmãos caçando inhambu. O que mais que eu lembro? Bem...

Ministro Franklin Martins: Como era o teu dia lá, assim, geralmente? Você acordava, o que você fazia?

Presidente: Nada, porra. Não ia para a escola. Na verdade, você não tinha o que fazer. Você mora em um lugar em que a pessoa mais próxima está alguns quilômetros longe de você.

Audálio Dantas: Lá você não teve nenhuma escola.



Presidente: Não, não.

Audálio Dantas: Foi depois, só em São Paulo. Em Santos.

Presidente: Não, não.

Audálio Dantas: Em Santos, primeiro.

Presidente: Não, não tive nenhuma escola. Eu tinha completado sete anos em outubro, saí de lá em dezembro, nunca estive na escola. Eu lembro...

Ministro Franklin Martins: Os seus irmãos estavam em escola lá, ou não tinha escola perto?

Presidente: Meus irmãos, eu acho que foram para a escola lá. Eu lembro dos meus irmãos querendo se esconder, sobretudo os mais velhos, para não vir para São Paulo, porque eles queriam ficar lá.

Audálio Dantas: Mas você queria?

Presidente: Ah, eu ia aonde minha mãe ia, né, pô?

Audálio Dantas: Não tinha ideia, né?

Presidente: Eu ia aonde minha mãe ia. Eu lembro do dia em que uma jumenta quis me morder e um compadre da minha mãe deu uma facada no pescoço da jumenta para ela me largar.

Audálio Dantas: Que violência.



Ministro Franklin Martins: Mas ela chegou a te morder?

Presidente: Chegou. Eu ia buscar água, eu e minha irmã. A gente colocava o caçuaá, e você ia lá, enchia o balde... Não sei por que a jumenta ficou nervosa, me derrubou e...

Audálio Dantas: A jumenta é que estava com os caçuaás.

Presidente: É, e aí começou a querer me morder. E esse meu... compadre da minha mãe deu uma facada no pescoço dela para ela...

Audálio Dantas: Mas chegou a matar?

Presidente: Não, não. Mas ela me largou.

Audálio Dantas: Qual foi... Ela tinha agarrado o quê, no braço?

Presidente: Na barriga.

Audálio Dantas: Ah, na barriga.

Presidente: Mas não, não...

Audálio Dantas: Não chegou a ferir...

Presidente: Nada que me afetasse.

Audálio Dantas: Pegou mais a camisa, coisa desse tipo.



Presidente: Era mais difícil se fosse um jumento que quisesse me pegar, viu? Eu lembro da minha mãe vendendo um relógio... A gente tinha um despertador, ela vendeu... Eu não tenho muita lembrança, muita lembrança mais do que isso dos meus sete anos...

Audálio Dantas: Você viu que...

Presidente: ...da minha permanência em Pernambuco.

Ministro Franklin Martins: Você lembra do seu pai lá, alguma vez, que tenha ido visitar ou coisa assim?

Presidente: Não, porque o meu pai saiu... Veja, meu pai saiu quando minha mãe ficou grávida de mim, em [19]45, e meu pai voltou em 1950.

Audálio Dantas: Cinco anos depois.

Presidente: Cinco anos depois. E ele voltou para trazer o meu irmão. Ele foi a São Paulo... a Pernambuco e levou o meu irmão, o Jaime, que foi o cara que escreveu a carta dizendo que o meu pai queria que a minha mãe fosse para Santos.

Audálio Dantas: Que não era verdade.

Presidente: Que não era verdade.

Audálio Dantas: Bom, então, vamos começar as perguntas, né? Posso?



Presidente: Pode.

Audálio Dantas: Bom, então, vamos lá. As lembranças, você já falou. O Franklin lembrou o pai. Então, a próxima pergunta é: a figura do seu pai, o Aristides, na sua memória, qual era... como é que você via esse pai? Era um herói? Era um homem grande, poderoso? Como é que era? Que lembrança você tem dele? E, do outro lado, a dona Lindu. Como vê... como você via a figura da sua mãe em relação ao pai, etc? Ela era carinhosa? Te acariciava? Brincava com você? Como é que era?

Presidente: Olha, o meu pai, quando ele veio para cá, em [19]45, ele deixou o meu padrinho, que era irmão dele, como se fosse uma espécie de guardião...

Audálio Dantas: Cuidador.

Presidente: Cuidador da família. Então, eu tenho mais imagem do meu padrinho do que do meu pai.

Audálio Dantas: Como era o nome do padrinho, mesmo?

Presidente: Padrinho José. É padrinho de verdade mesmo.

Audálio Dantas: E era tio também?

Presidente: Era irmão do meu pai, e ele mora em São Paulo ainda. A imagem que eu tinha do meu pai era... Todo filho tem uma imagem do pai [como] um gigante, não é, que foi embora para São Paulo...

Audálio Dantas: É por isso que eu perguntei.



Presidente: ...que foi embora para São Paulo para trabalhar e para mandar dinheiro para a família. E isso meu pai fez.

Audálio Dantas: Quando ele veio, você não... Ele veio antes de você nascer, a volta dele como é que foi? Porque aí você devia ter uma expectativa muito grande de conhecer.

Presidente: Mas aí eu tinha cinco anos de idade. A lembrança é muito vaga. O meu pai, ele tinha... Nós vamos chegar mais tarde nisso. Mas o meu pai era o seguinte. O meu pai, com toda a rudez [com] que ele foi formado, com todo o sofrimento que ele deve ter tido, porque o pai dele, o João Grande, meu avô, era muito ruim. Ele dava até tiro nos meus irmãos que iam lá roubar melancia.

Audálio Dantas: Você não ia roubar melancia também?

Presidente: Não, eu não tinha idade para isso, pô. Nem aguentava com uma melancia. Mas, a recordação que eu tenho do meu pai nesse tempo é recordação boa, de um homem que mandava dinheiro para minha mãe, de um homem que ajudava a cuidar da família e estava em São Paulo trabalhando. Essa era a imagem que eu tinha do meu pai. E, realmente, ele nunca faltou, de mandar as coisas para minha mãe cuidar da família. A única coisa que a minha mãe não sabia é que ele estava com outra mulher, e que a outra mulher era uma prima da minha mãe que tinha desaparecido. Isso a minha mãe não sabia. Só ficou sabendo quando nós chegamos em São Paulo.

Então, a imagem do meu pai era essa: a imagem de um pai que cuidava da família, que era...

Audálio Dantas: Era uma entidade distante, mas...



Presidente: Era, que eu acho que é a imagem que toda criança tem do pai. O pai é um gigante, o pai é um...

Audálio Dantas: Um herói.

Presidente: ...uma pessoa poderosa e tal. Essa é a imagem que eu tinha do meu pai.

Vou contar uma coisa para você que é o seguinte: a maior frustração da minha vida foi... eu voltei a Pernambuco em 1979. Foi a primeira vez que eu voltei. De [19]52 a [19]79 dá vinte e... Vinte e cinco anos, quase.

Ministro Franklin Martins: Vinte e sete anos.

Audálio Dantas: Vinte e sete.

Presidente: Vinte e sete anos. Eu voltei, então, 27 anos depois. E eu tinha uma imagem de um pé de mulungu...

Audálio Dantas: Aliás, 17, 17. [De] [19]52 a... Dezesete anos.

Ministro Franklin Martins: É [19]69?

Presidente: Não, [19]79.

Ministro Franklin Martins: [19]79.

Audálio Dantas: Ah, então são 27 [anos] mesmo.



Presidente: Então, eu tinha uma imagem de um pé de mulungu, que era uma árvore que tinha na frente da minha casa, uma árvore que dá um frutinho...

Audálio Dantas: Conheço.

Presidente: ...um frutinho vermelho.

Audálio Dantas: Não esqueça que eu sou do lado.

Presidente: E eu passei toda a minha infância, depois toda a minha adolescência, depois me casei em São Paulo, e eu tinha uma imagem daquela árvore, como se fosse uma baita de uma árvore...

Audálio Dantas: Quase (incompreensível).

Presidente: ...frondosa. Aí, quando foi em [19]79, eu fui lá com a Marisa, e eu tinha uma... Eu queria ver. A casa, já não existia mais a casa. Eu queria ver o pé de mulungu. Mas quando eu cheguei lá, uma árvore pequena, rapaz, foi uma frustração, foi uma decepção com o meu pé de mulungu, que era a árvore que eu tinha na cabeça durante toda a infância. E eu cheguei lá, tinha uma arvorezinha bem mixuruca. Agora, até apodreceu.

Bem, então, a imagem do meu pai era essa. Era a imagem de um herói. A gente não tinha noção de nada.

Audálio Dantas: Um herói distante.

Presidente: Quando eu cheguei em Santos, eu ainda não tinha me dado conta. Eu fui lá para o armazém, eu não percebi que o meu pai tinha ficado... O meu pai deve ter passado um susto muito grande de ver a mulher chegar com



sete filhos.

Ministro Franklin Martins: Ela não avisou nada? Chegou de repente?

Presidente: Hein?

Ministro Franklin Martins: Ela chegou de repente, sem avisar?

Presidente: Ela recebeu a carta que tinha que vir, ela resolveu vir.

Audálio Dantas: Diz que ele perguntou pelo Lobo, é verdade?

Presidente: É.

Audálio Dantas: É?

Presidente: Perguntou, não. Ele achou ruim porque a gente não trouxe o Lobo.

Audálio Dantas: O Lobo era o cachorro.

Presidente: Era o cachorro, ele achou ruim. Então, essa é a imagem que eu tenho do meu pai.

Audálio Dantas: Em contraposição, a mãe. E quando ele voltou...

Presidente: Ah, não, a minha mãe...

Audálio Dantas: ...quando ele voltou, você tinha cinco anos, mas não sentiu uma coisa, assim, diferente?



Presidente: Não, quando ele voltou, o que a gente sentiu de diferença é que ele trouxe... fazia aquelas feiras grandes, levava muita comida para casa, muita carne seca. Naquele tempo, bacalhau era comida de pobre.

Audálio Dantas: É, é verdade, é verdade.

Ministro Franklin Martins: Para quem é bacalhau, basta.

Presidente: Bacalhau era comida de...

Audálio Dantas: Para quem é bacalhau, basta.

Presidente: Então, ele levou muita comida para casa, tal. Até arroz a gente comia, porque arroz...

Audálio Dantas: Olha que lembrança, a comida...

Presidente: Arroz, naquele tempo, a gente só comia quando estava doente.

Audálio Dantas: Eu sei, eu sei.

Presidente: Quando você estava doente, tinha arroz. O resto era feijão e farinha, meu filho.

Audálio Dantas: Ele não levou nenhum presente para vocês?

Presidente: Não, não. Eu nunca ganhei presente na minha vida. O meu primeiro presente fui eu mesmo que comprei.



Audálio Dantas: Como é que você olhava o seu pai quando ele chegou, assim? Você olhava para ele e dizia “é esse aí”?

Presidente: Não.

Audálio Dantas: Era praticamente um homem desconhecido.

Presidente: Era um homem desconhecido. Eu não tinha visto nunca na minha vida, pô. Para mim era um estranho. A verdade é que a relação com o meu pai sempre foi essa relação.

Audálio Dantas: Como?

Presidente: Primeiro, de distância, porque eu nasci, ele não estava lá e fui vê-lo com 25 [cinco] anos de idade. Depois, eu o conheci...mais, bem melhor quando eu já tinha sete anos de idade, que cheguei em Santos, e aí eu conheci o lado da dureza do meu pai, o lado da dureza. Não o fato...

Audálio Dantas: Aí você conheceu o ser humano...

Presidente: Não o fato de ele ter se separado da minha mãe, ou coisa parecida, porque eu também não compreendia muito isso. Mas eu conheci a dureza do meu pai, ou seja, um homem rude, bravo, mantinha os filhos... Não queria que as meninas fossem para a escola para não aprender a mandar carta para os namorados. Era... Agora, era um homem que andava... Levantava de manhã para trabalhar, terno e gravata... Terno branco, gravata, chapéu, ia trabalhar como se fosse um doutor.



Ministro Franklin Martins: Ele trabalhava em quê?

Audálio Dantas: No porto.

Presidente: No armazém de café, no armazém de café.

Audálio Dantas: Bom, em contraposição, a dona Lindu. A figura dela, como é que você sempre viu e como ela lhe tratava? Você era o caçula, quase, né?

Presidente: Eu era o caçula dos homens. Eu era o caçula, porque a minha irmã caçula nasceu em [19]50.

Audálio Dantas: A Maria.

Presidente: É. O meu pai... É isso mesmo. O meu pai, quando voltou... Não, a Tiana.

Audálio Dantas: Ah, tá.

Presidente: A Rute, que é a caçula.

Audálio Dantas: A Tiana, a Tiana.

Presidente: O meu pai, quando voltou, engravidou a minha mãe...

Audálio Dantas: Pois é.

Presidente: ...e aí nasceu a Rute. Quando nós viemos para São Paulo, em [19]52, a minha irmã estava completando dois anos, ou tinha completado dois



anos. Significa que a minha mãe ficou grávida quando ele voltou a Pernambuco. E quando nós chegamos em Santos, a minha mãe ficou grávida outra vez de um casal de gêmeos, que morreu. Nasceram e morreram. A minha mãe, a imagem dela para mim, é totalmente o oposto da imagem do meu pai. Eu acho que é a imagem que 99% dos filhos constroem, da mãe.

Audálio Dantas: Você fala dela sempre com muito carinho.

Presidente: Porque ela era um pouco isso. Um pouco de carinho, um pouco de admiração, porque o que faz as mulheres, muitas vezes, ficarem com o marido é a dependência. Uma mulher que não tem profissão, uma mulher... ela, normalmente, não quer... o marido faz desaforo para ela, às vezes judia dela, e ela não se separa porque... e a comida dos filhos? E a casa para morar? Então, a admiração que eu tenho pela minha mãe, além de ela ser uma figura humana, e me tratava como caçula mesmo, eu era uma espécie de...

Audálio Dantas: Passava a mão na sua cabeça?

Presidente: ...eu era uma espécie de xodó dela...

Audálio Dantas: Certo.

Presidente: ...por ser o caçula. Eu admirava muito a coragem... Depois eu fui formando um juízo de valor disso. Eu admirava muito o caráter da minha mãe, de ter coragem de se separar de um cara que colocava comida em casa, ir morar em um barraco...

Audálio Dantas: Em São Paulo.



Presidente: ...em Santos, sem nenhum medo. Ela cismou que não tinha que morar mais com ele, aí resolveu, separou e foi embora com os filhos. Então... muitas mulheres não têm coragem de fazer isso. Preferem apanhar do marido...

Audálio Dantas: Claro, claro.

Presidente: ...e ficar... E a minha mãe teve a coragem de largar. Mas a imagem que eu tenho da minha mãe...

Audálio Dantas: Algum episódio, assim, nessa ausência do pai? Alguma história com ela, alguma coisa que aconteceu com você e ela interveio? Você ficou doente algumas vezes, como é que é?

Presidente: Não, eu tinha... Eu tenho, hoje, até reflexo disso. Eu tinha uma doença que nós chamávamos de “dordói”...

Audálio Dantas: Dodói, dor de olhos. Dodói é dor de olhos. Dodói, dor de olhos.

Presidente: O olho, Franklin, o olho ficava... Você acordava de manhã com o olho cheio de remela e você não conseguia abrir o olho.

Audálio Dantas: Abrir...

Presidente: Às vezes, pediam para a gente mijar na mão e colocar aqui...

Audálio Dantas: Quem teve essa doença, e forte, foi o Graciliano Ramos. Eu conto aqui nesta história.



Presidente: ...e eu tenho hoje sequelas disso, eu tenho sequelas disso. Este vermelho no meu olho, uma parte dele é sequela...

Ministro Franklin Martins: (incompreensível) falta de lágrima, né?

Presidente: É, é, é sequela desse negócio. Mas eu lembro que muitas vezes você acordava, não conseguia abrir os olhos, não conseguia ver nada, o olho grudado, e minha mãe vinha, passava, acho que um pano com água quente para tentar tirar. Nós devíamos ter muitas doenças. Eu acho que nós sobrevivermos é um milagre da natureza, porque você comia feijão e farinha...

Audálio Dantas: Como o sertanejo, de um modo geral.

Presidente: Você comia feijão e farinha, tomava água...

Audálio Dantas: Do barreiro.

Presidente: ...água da cor de...

Ministro Franklin Martins: Você falou aí, uma vez, no começo, que eles tomavam água que tinha... com caramujo, inclusive, né?

Presidente: Não, porque você ia pegar água no açude, e estavam lá vacas dos outros, estavam cabras dos outros, cavalos dos outros mijando, defe... cagando dentro da água, e era dali que você tinha que pegar. Com uma caneca você ia enchendo um pote de água. Aí, você chegava em casa, colocava aquilo para assentar. Aquilo ficava lá assentando. Depois, você ia com uma canequinha tirando a parte de cima da água. Aí ficava uma crosta de



um palmo de lama dentro do pote, e ali tinha tudo o que é verme, tudo o que é coisa que tinha... E eu acho que a gente não morrer foi um milagre da natureza. Mas é engraçado... o engraçado é o seguinte: como a gente não tinha nada, você não tinha bola para brincar nem tinha o hábito... a primeira vez que eu vi uma bicicleta, na vida, eu tinha seis anos de idade. Eu achava... Dois caras que tinham ido de São Paulo levaram uma bicicleta. Então, aos domingos, a gente ia para essa bodega de Tozinho e os caras ficavam andando de bicicleta, e a gente vendo os caras andar de bicicleta, que era o máximo dos máximos que a gente...

Audálio Dantas: Vendo os meninos, os outros meninos andarem...

Presidente: Não eram meninos, eram homens.

Audálio Dantas: Ah, eram homens.

Presidente: Então, era uma coisa que eu achava o máximo aquilo. Como é que um homem podia se equilibrar em cima de duas rodas e andar e... A gente não tinha muito o que... Você não tinha o que fazer. Você não tinha campo de futebol, você não tinha...

Audálio Dantas: A sua mãe, desculpe, lhe contava histórias à noite, assim, para os filhos?

Presidente: Ah, não lembro, não. Não lembro, não.

Audálio Dantas: Não lembra, não. Não lembra.

Presidente: Não lembro, não. É que, veja, era muito difícil, sabe por quê?



Você tinha um fogão à lenha de uma boca só. Aquilo, para fazer a comida, era um desastre. Então, ela sozinha, com sete filhos...

Ministro Franklin Martins: A casa, como é que era?

Presidente: Era uma casa de meia-água.

Ministro Franklin Martins: Mas, assim, você tinha uma cozinha que era sala, que era tudo junto, e também dormia todo mundo ali, ou tinha quartos?

Presidente: Você tinha a cozinha, tinha uma sala e tinha um quarto. Ali dormia todo mundo junto.

Ministro Franklin Martins: E banheiro era o mato. (incompreensível)

Presidente: Banheiro, o que... Banheiro! Banheiro era a moita, era o mato. Banheiro era o mato. Eu vim conhecer banheiro em São Paulo.

Audálio Dantas: Então, vamos lá. Vamos a algumas perguntas. Por exemplo, aquela cena em que você foi brincar para assustar a sua irmã, no cemitério dos anjinhos, naquele momento você estava pensando no que você estava fazendo. Estava (incompreensível) estava fazendo. Era uma brincadeira.

Presidente: Não, era uma brincadeira para assustar a minha irmã.

Audálio Dantas: É? E você nunca... você imaginou passar no cemitério dos anjos sozinho?

Presidente: A gente passava. Era caminho...



Audálio Dantas: Você não tinha... Ah, bom, mas sozinho, alguma vez, você passou...

Presidente: Eu não ia sozinho porque eu era muito pequeno, eu ia sempre com um irmão mais velho, ou com a minha mãe, porque eu também não tinha condições de pegar....

Audálio Dantas: Quer dizer que ali, você com o seu irmão, você estava era se divertindo, na verdade, pelo susto que.....

Presidente: Na verdade era brincadeira nossa para dar um susto na minha irmã.

Audálio Dantas: Alguma ideia sobre a morte, ali, naquele cemiterinho lá.. devia ser....

Presidente: Eu achava que era normal, não era cemitério, não, não tinha cemiterinho não.

Audálio Dantas: Ah, era só o lugar?

Presidente: Era só o lugar, tinha... tinha uma rua, eu lembro que tinha uma rua, e na rua tinha umas árvores, árvores não, umas coisas plantadas, e ali que enterravam as crianças.

Audálio Dantas: Ali por ali.

Presidente: Ali



Audálio Dantas: O lugar ficou....

Ministro Franklin Martins: O que ele está tentando...você tinha uma ideia, a morte para você, o que era?

Presidente: Não era nada, não era nada...

Audálio Dantas: Você tinha visto alguém morto na família, ou coisa assim?

Presidente: Não.

Audálio Dantas: Não?

Presidente: Não.

Audálio Dantas: Não tinha? Bom. E o cachorro Lobo? O cachorro Lobo, a história que eu li era emocionante porque, quando vocês esperavam o caminhão, a sua mãe providenciou para vocês ficarem em um quarto, para o cachorro não ver, não... como é que foi? E lá dentro...

Presidente: Na verdade, nós ficamos todo mundo preso, todo mundo trancado em um quarto, para... porque nós íamos sair em um dia, quando nós chegamos para sair, o pau-de-arara não veio, atrasou, teve um problema lá qualquer que eu não sei qual foi, mas o ônibus não veio – o ônibus, ó! – o pau-de-arara não veio. Por conta disso, nós tivemos que ficar dois dias presos, nesse lugar, a gente não queria voltar para casa. Era perto, não era tão longe, mas a gente não quis voltar para casa, então, ficou lá a minha mãe e os sete filhos dela, e ficou lá meu tio Odorico, que é irmão da minha mãe, minha tia Laura e o filho



dela, o primo meu. Nós ficamos lá, e o Lobo ficou dois dias rodando aquele lugar lá. E ficou chorando, ele morreu logo depois que nós saímos.

Audálio Dantas: Você ouvia ele chorar, o que você pensava, lá dentro do quarto?

Presidente: Não, a molecada queria que ele entrasse.

Audálio Dantas: Você pediu a sua mãe para que ele entrasse?

Presidente: Eu não lembro, se eu pedi, Audálio, eu não lembro, não. Ah, mas certamente todo mundo pediu para ele entrar.

Audálio Dantas: E quando o caminhão foi embora, que ele ficou rodando o caminhão, não é isso?

Presidente: É

Audálio Dantas: Você viu? Qual foi o seu sentimento em relação ao cachorro?

Presidente: Você sabe o que acontece, a gente não tinha a noção do que era vir para São Paulo. Eu estava acompanhando a minha mãe para uma viagem, eu não tinha noção se eram 10 minutos, 10 horas, 10 dias, era uma coisa complicada.

Audálio Dantas: Foram 13 dias.

Presidente: Treze dias de pau-de-arara.



Audálio Dantas: E como é que foi essa grande viagem... Quando vocês se preparavam para ir, você imaginava que ia encontrar o quê? São Paulo, o que era São Paulo para você?

Presidente: Ah, eu não tinha a menor noção, eu nem pensava o que era. Eu sabia que eu estava saindo com a minha mãe, e que a gente ia encontrar com o meu pai. Era a única (incompreensível) que eu tinha.

Audálio Dantas: Você tinha alguma... você tinha alguma alegria nessa viagem?

Presidente: Ah, não, não tinha.

Audálio Dantas: Alguma alegria, ou tristeza?

Presidente: É que você sabe o que acontece? Nem alegria e nem tristeza, porque para uma criança, uma viagem é uma novidade.

Audálio Dantas: Pois é.

Presidente: Sobretudo se você está junto com a sua mãe, você não tem noção..

Ministro Franklin Martins: Vendo coisa nova.

Presidente: É, mas veja...

Audálio Dantas: Descobrindo o mundo.



Presidente: O que eu trago de imagem dessa viagem: primeiro, antes de chegar em Alagoas , ou próximo de Alagoas, o caminhão bateu numa... a roda de trás bateu em uma pedra, o meu tio que estava sentado no banco, caiu fora do caminhão.

Audálio Dantas: O ...?

Presidente: Então, eu lembro disso, meu tio Odorico. Eu lembro...

Ministro Franklin Martins: Não se machucou? Não teve nada?

Presidente: Não, não, não machucou. Eu lembro... a minha imagem ficou gravada na Rio-Bahia, um caminhão...Putá, eu passei o resto da minha vida...

Audálio Dantas: Bonito.

Presidente: ... eu passei o resto da minha vida querendo ser motorista de caminhão, mas eu queria um caminhão igual àquele.

Audálio Dantas: Amarelo.

Presidente: Amarelo, aquele tanque amarelo da Shell, que era bonito.

Audálio Dantas: Era um caminhão-tanque, era?

Presidente: Era um caminhão-tanque amarelo – nem sei se tem hoje ainda aí, mas deve ter – que eu lembro da minha viagem. Eu lembro da minha viagem, que a gente, muitas vezes, a gente cozinhava... porque nós levamos um saco de farinha...



Audálio Dantas: Um presidente da República contando uma história dessas é uma coisa que não existe no mundo.

Presidente: Nós levávamos... Minha mãe levou um saco de farinha, rapadura, rapadura. Eu não sei se tinha mais alguma coisa.

Audálio Dantas: Carne seca, talvez.

Presidente: Devia ter carne seca, devia ter... E eu lembro que a gente parava na beira do rio São Francisco e pegava água para cozinhar...

Audálio Dantas: E o São Francisco? Como foi ver o São Francisco?

Presidente: ...pegava água... Ah, aquilo era o mar! Em algum lugar a gente passava, o pessoal estava tomando banho, a gente ia tomar banho na beira do rio São Francisco. Aquilo era o mar, era uma coisa... Nem sei se era o ponto mais largo dele, mas nunca tinha... Garanhuns não tinha água, então eu nunca tinha visto uma coisa daquelas. Eu acho que a minha sensação de ver o rio São Francisco deve ter sido a sensação do Pelé de ter visto a praia. Era infundável aquilo! Bem, então, a gente dormia... Muitas vezes, a gente dormia embaixo do caminhão, porque ali, cada um... parava o ônibus... Parava o caminhão, quem tira dinheiro ia em uma pensão; quem não tinha dinheiro... ou ia em um hotel. Quem não tinha dinheiro dormia na calçada, dormia embaixo do caminhão. E eu lembro de várias vezes que a gente estava dormindo, e você acordava por causa da chuva. Aí você ficava acororado embaixo do caminhão ou você subia para cima do caminhão, que tinha um encerado que cobria o caminhão. Então, você ficava ali. Acho que nós dormimos em algumas pensões, alguns dias. Quando eu falo pensão, é assim: é todo mundo entrando



em um quarto só e dormindo um por cima do outro, que era a coisa...

Audálio Dantas: Era cansativa essa viagem, né, porque não tinha nem encosto?

Presidente: Mas criança de cinco anos não sente isso. Isso é coisa para quem já tem 60, como eu tenho hoje. Minha mãe...

Audálio Dantas: Você tinha sete anos.

Presidente: Minha mãe ainda carregava minha irmã no colo, devia ser duro para cacete.

Audálio Dantas: Nossa Senhora!

Presidente: Sentada em um banco sem encosto.

Audálio Dantas: Coisa terrível.

Presidente: Depois eu lembro, Audálio, quando nós chegamos em São Paulo. Quando nós chegamos em São Paulo, nós pegamos um táxi...

Audálio Dantas: Isso era um luxo danado.

Presidente: Era. Pegamos um táxi e fomos... Veja, todo mundo em um táxi só. Eu não sei que diabo de carro que era aquele.

Audálio Dantas: Como é que (incompreensível).



Presidente: Devia ser um Chevrolet [19]52, ou sei lá o quê, ou [19]50, porque era um carro grande. E colocou a família da minha mãe, mais o meu tio e minha tia, e nós fomos para Santos, todo mundo.

Audálio Dantas: Você dever ter visto uns desses em Cuba, quando você foi, né?

Presidente: Todo mundo junto. Aí fomos lá para o Porto de Santos, aí fomos para o Porto de Santos.

Ministro Franklin Martins: Vocês chegaram na cidade de São Paulo, pegaram um táxi e foram para Santos?

Presidente: Chegamos, paramos na... ali no centro de São Paulo.

Audálio Dantas: Na rodoviária, devia ser.

Presidente: Acho que ali no Brás, no Brás.

Audálio Dantas: Ah, no Brás, não tinha...

Presidente: Paramos no Brás, pegamos um táxi e fomos para Santos. Aí, foi o primeiro desbunde da minha vida, ou seja, quando você vai descendo a serra você vê o mar, assim...

Audálio Dantas: Aaah!

Presidente: Aí era uma loucura (incompreensível).



Audálio Dantas: Lá de cima você via o mar.

Presidente: Jamais imaginei que existia aquilo no mundo. Aí, fomos para o porto. Chegamos lá e encontramos o meu pai, - foram chamar - minha mãe chegou, perguntou se um tal Aristides trabalhava lá, tudo, daqui a pouco chega o Aristides e encontra a minha mãe com aquela penca de filhos.

Audálio Dantas: Eram oito, não é?

Presidente: Éramos oito, mas um já estava com ele.

Audálio Dantas: Ah, tá, ta, tá... eram sete.

Presidente: Bem, é engraçado, porque meu pai pegou um compadre dele, um padrinho...

Ministro Franklin Martins: Que cara que ele fez, na hora que viu?

Presidente: Olhe, eu acho que ele se comportou muito dignamente, porque ele abraçou a gente e pediu para esse, um compadre dele, que trabalhava com ele, levar a minha mãe para a casa dele, que era próxima, era uma rua lá em Vicente de Carvalho. Então, a casa dele era aqui, em uma travessinha de uma rua, da rua principal, e a casa desse compadre era aqui. Então, a minha mãe foi para cá. Minha mãe foi para cá, acho que com as meninas, e nós os homens viemos aqui para a casa dele. E aí é que nós descobrimos que ele tinha outra mulher e já tinha filhos, já tinha acho que quatro filhos com a outra mulher, já. Tem um mais ou menos da minha idade, que é pastor lá em Franco da Rocha. O outro, abaixo de mim, morreu, e tem umas irmãs por aí, que eu não sei onde estão.



Audálio Dantas: Da viagem, além do rio São Francisco, qual foi a coisa que você achou mais bonita?

Presidente: Olha, foi a chegada a São Paulo.

Audálio Dantas: É? No caminho assim, não dá ... você não se lembra de nada assim, que lhe marcou?

Presidente: O que me marcou, na viagem, foi uma cagada que eu e o Frei Chico fomos dar, e o caminhão esqueceu a gente. Aquelas paradas estratégicas... e o caminhão, acho que o cara pensou que estava todo mundo e saiu com o caminhão e nós saímos correndo atrás, e gritando. Bem....

Audálio Dantas: O Lula vai sempre nas coisas mais práticas.

Presidente: Na vontade, na vontade, na verdade, viu, Audálio, essas histórias de serem contadas, o importante é que estivesse aqui o Vavá, que era o mais velho, o Vavá devia ter quanto, na época? 12 anos. Então, ele já lembra ...

Audálio Dantas: Ele já lembra de muita coisa. Não, mas é importante o que você lembra.

Ministro Franklin Martins: **A diferença sua para o irmão mais velho era de quantos anos?**

Presidente: Era de muitos anos.



Audálio Dantas: Devia ser de cinco anos. Você tinha sete e o Vavá tinha doze.

Presidente: Do meu irmão mais velho, o Vavá não era o mais velho.

Audálio Dantas: Ah, tá, ah, tá.

Presidente: Olha, mais velhos do que eu tem: Maria, Frei Chico, Vavá, Jaime, Marinete e o Zé Cuia que era o mais velho. O mais velho morreu.

Ministro Franklin Martins: Dá quase, mais de dez anos, a diferença entre você e ele.

Presidente: Dá, dá quase...

Audálio Dantas: E a liquidação que a dona Lindu fez, das coisas, para vir? Ela vendeu, vendeu jumento, vendeu

Presidente: Ela vendeu a casa, vendeu o jumento, vendeu o terreno, vendeu relógio, vendeu tudo que tinha, vendeu até ...

Audálio Dantas: Algumas dessas coisas que ela vendeu te marcou? Você sentiu que ela tivesse vendido? O jumento não, que tinha te mordido.

Presidente: Não, não...

Audálio Dantas: Era esse mesmo jumento?

Presidente: Não. Não tinha nada o que... Ela vendeu tudo, o que tinha era nada. Mas, na época, eu não sei se foi por treze contos, não sei se foi por treze



contos que ela vendeu. Mas era tudo coisa sem muito valor, era coisa de... acho que o que valia mais era a terrinha mesmo, porque a casa...

Ministro Franklin Martins: O que vocês trouxeram, então, foi a roupa...

Presidente: A roupa do corpo.

Ministro Franklin Martins: ... do corpo e mais uma...

Presidente: Eu viajei os treze dias com uma camisa. A bichinha chegou aqui andando sozinha. Mas nada disso, nada disso, para um moleque de sete anos, causa qualquer constrangimento.

Audálio Dantas: Os teus irmãos mais velhos não te incluíam nas brincadeiras? Que tipo de brincadeira... alguma brincadeira vocês faziam. Não te incluíam não? Além daquelas caçadas de preá?

Presidente: Não, não. Não.

Audálio Dantas: De fazer... brincar de bozinho, inventar curral, inventar...

Presidente: Não, não. Não.

Ministro Franklin Martins: Você era mais ligado com que irmão?

Presidente: Com o Frei Chico.

Audálio Dantas: Frei Chico... tem uma diferença...



Presidente: Que na época tinha oito anos. Ou não, nove anos, dez anos, uma coisa assim.

Audálio Dantas: Bom, então vamos... Eu acho que nós vamos ter que ir...

Presidente: Eu tenho uma imagem muito ruim de um dia que eu vi matar um boi. Pendurar um boi em uma árvore pelos pés e...

Audálio Dantas: Eles mataram, primeiro, de que jeito?

Presidente: ... e meter martelo... Não, com aquele porrete na cabeça.

Audálio Dantas: Na cabeça. E depois sangra, não é isso?

Presidente: Depois sangrava... Uma imagem...

Audálio Dantas: E depois penduraram na árvore... Isso foi onde?

Presidente: Não, primeiro pendura ele na árvore.

Audálio Dantas: Ah, primeiro pendura?

Ministro Franklin Martins: (incompreensível)

Presidente: E depois parte...

Audálio Dantas: É terrível.

Presidente: Ah, Deus me livre.



Audálio Dantas: E em que lugar foi isso?

Presidente: Lá em Garanhuns, lá em Vargem Comprida.

Audálio Dantas: Em Vargem Comprida... Perto da sua casa?

Presidente: É. Aí, é uma coisa muito, muito... é uma imagem muito triste.

Audálio Dantas: É muito violenta.

Presidente: Hoje eu não quero...

Ministro Franklin Martins: Pior que matar boi, só matar porco. O porco chora como criança.

Presidente: ... não quero ver matar uma barata, quanto mais um boi.

Audálio Dantas: Nem com o pé você mata uma barata?

Presidente: Ah, eu tenho... Eu, se puder deixar ela fugir, finjo que ela escapou.

Audálio Dantas: Você diz que não teve infância, a infância que você não teve. Como é isso? Por que é difícil uma criança pobre se lembrar da infância? Por quê?

Presidente: Ora, porque, veja, na verdade, qual é a vida de uma criança pobre do interior, ainda hoje?



Audálio Dantas: No entanto, você lembra sempre de coisas não muito alegres, não é?

Presidente: Você veja uma coisa. Porque não tinha... você não tinha brinquedo, você não tinha bolinha de gude, você não tinha peão, você não sabia empinar papagaio, você não tinha televisão, você não tinha... Você não tinha nada que um moleque normal tem que ter! Então, você levantava de manhã, ficava atrás da mãe. Não tinha o que fazer. Eu não lembro de eu brincando com alguma coisa. Só se eu brincasse atrás de minhoca, atrás de qualquer coisa... Mas eu não lembro, não tenho na minha cabeça eu brincando.

Ministro Franklin Martins: Você lembra de algum sonho ou pesadelo seu, nessa época?

Presidente: Não.

Audálio Dantas: E sonho bom?

Presidente: Eu não lembro de sonho, eu não lembro de sonho...

Audálio Dantas: Não lembra de sonho nenhum.

Presidente: ... não lembro de sonho, não.

Audálio Dantas: Você pensava em ser o que, quando era criança? Você já disse: chofer de...

Presidente: Nessa época, eu não pensava em ser nada. Eu...



Audálio Dantas: Depois tem o caminhão, não é?

Presidente: Eu comecei a pensar em ser motorista porque eu fiquei fascinado com aquele caminhão.

Audálio Dantas: A cor devia ser fantástica.

Presidente: E durante muito tempo, mas durante... até, acho que aos 14 anos, eu fiquei pensando em ser motorista de caminhão. Era um sonho maravilhoso.

Audálio Dantas: O Senai te salvou.

Presidente: Era o máximo que eu queria na vida, era ser motorista de caminhão, Audálio. Bem, aí Audálio, aí entra o meu período de sete anos em Santos.

Audálio Dantas: Você foi vendedor de rua, não é?

Presidente: Não, aí, veja... Aí as coisas já começaram... aí já tinha mais moleque na rua...

Audálio Dantas: Compreensão.

Presidente: ...já tinha mais os irmãos por parte de pai. Meu pai, na sexta... no sábado, ele saía para caçar e para pescar, às vezes ele levava a gente. A gente ficava dois dias no meio do mato. Não via ele, porque ele levava a gente, largava a gente em uma casa...

Audálio Dantas: E ia para o mato caçar.



Presidente: É. Eu lembro, eu lembro de...

Audálio Dantas: Você ficava caçando caranguejo, esse tipo de...

Presidente: Não. Eu lembro, eu lembro que era muito duro quando o meu pai fazia a gente ir catar lenha no mangue, porque você tinha que carregar cesto de lenha na cabeça, pisando naquela lama, atolando até as canelas, enfiando graveto no pé, (incompreensível) era uma desgraça.

Audálio Dantas: E vender coisas na rua, você vendia muito?

Presidente: Não, aí, aí eu vendia amendoim, vendia tapioca, vendia laranja.

Audálio Dantas: Você saía pela rua, gritando?

Presidente: Não, eu não gritava, eu tinha vergonha de gritar.

Audálio Dantas: E como é que você vendia?

Presidente: O Frei Chico gritava.

Audálio Dantas: Ah, o Frei Chico estava do lado.

Presidente: E quando... ele achava que tinha vezes em que eu tinha que gritar e quando eu não gritava, ele queria me dar uns cascudos. Aí eu gritava...

Audálio Dantas: Bom, e o primeiro sorvete? Há um, há um...



Presidente: Mas espera aí, mas antes... uma coisa que eu lembro dessas caçadas do meu pai... até hoje eu passo ali na Piaçaguera, quando você vai para o Guarujá, tem um rio de água doce, que cai água no mar ali, chamado... eu acho que era o rio... nós íamos em um lugar chamado Sítio da Diana. Era um riozinho de água doce, a gente saía ali do Wilson, ali no Porto de Santos, perto do lugar do barco, a gente saía... ou melhor, a gente saía do rio Acaraú, do rio Acaraú, que ficava perto do aeroporto, da Base Aérea de Santos. A gente saía dali de barco, meu pai remando, os filhos todos dentro do barco, chegava nesse rio de água doce, a gente... meu pai remava um pouco. Aí parava em um lugar, subia e tinha uma casa, uma casa de terra, tinha uma mesa grande em uma varanda do lado de fora, uma casa muito simples. Mas aí, tinha muita jararaca. Muita jararaca não, essa cobra coral.

Audálio Dantas: Ah, Nossa Senhora!

Presidente: Então, o meu pai, ele acendia, ele fazia um fogo no meio de cada sala...

Audálio Dantas: Era casa abandonada...

Presidente: Era, e colocava a gente para dormir e ele ia para cima da mesa. Ele dormia do lado de fora, em uma mesa. De vez em quando ele falava que levantava de noite, atirava em uma onça. Mas meu pai matava paca, matava tatu, pegava tatu, matava anta.

Audálio Dantas: Você tinha pena dos bichos que ele matava?

Presidente: Na época, não. Na época, era para comer. Aí era a lei da sobrevivência. Mas meu pai, às vezes, passava dois dias caçando, e a gente



dentro de casa.

Ministro Franklin Martins: Dessa casa.

Presidente: É, é. Saía de dia, tudo, mas de noite ele voltava e colocava fogo... tinha muita cobra, muita, muita cobra mesmo. E até hoje eu passo lá, eu vejo lá, rio da Diana, acho que é rio da Diana, não sei das quantas lá... E meu pai, ele... em muitos domingos a gente ia nesse rio Acaraú cortar lenha. Eu lembro do dia em que eu tomei a facada na perna. Eu caí em cima de um facão e teve um corte, acho que... não sei nem se dá para ver aqui. Este aqui, ó.

Audálio Dantas: Dá.

Presidente: É grande, seis pontos eu tomei. E eu lembro do meu pai me carregando no pescoço, eu sangrando, ele amarrou um pano, me colocou no pescoço, foi a pé até a barca, pegou a barca, atravessou, foi para Santos me levar no pronto-socorro para fazer esse curativo aqui.

Audálio Dantas: Isso foi um momento de carinho, né?

Presidente: Isso, eu tenho a imagem dele me carregando no pescoço, para me levar para fazer esse...

Audálio Dantas: Quando você fala nisso, você se emociona, o pai carregando...

Presidente: Mas sabe o que acontece, Audálio, eu aprendi também, aprendi também a ser mais condescendente com o meu pai, porque acho que ninguém é ruim por natureza, assim.



Audálio Dantas: Sim, claro.

Presidente: Eu acho que a vida tornou ele assim. Ele deve ter sofrido muito na sua infância, na sua adolescência, e ele reproduzia em nós aquilo. Tanto é que a razão pela qual a minha mãe se separou dele foi por conta desse jeito dele ser. Ele bateu no Frei Chico...

Audálio Dantas: Tem uma cena em que ele bate...

Presidente: Depois ele veio bater...

Audálio Dantas: ...ele bate...

Presidente: ...ele veio bater em mim...

Audálio Dantas: E ela não deixou.

Presidente: ...minha mãe entrou, e aí a mangueira, acho que pegou na cabeça dela, e ela tomou a decisão de ir embora de casa.

Audálio Dantas: De se separar.

Ministro Franklin Martins: Isso foi quanto tempo depois de vocês terem chegado em Santos?

Presidente: Ah, isso foi pouco tempo. Isso foi... Ela se... Foi um ano e meio depois, Franklin, se separou dele logo. Em [19]53 ou [19]54 ela já estava separada dele.



Audálio Dantas: Ela entrou em sua defesa, e decidiu se separar ali.

Presidente: É. Eu acho que essa foi uma, uma...

Audálio Dantas: Mas tem aquela... desculpe.

Presidente: Meu pai... eu lembro do meu pai batendo na minha irmã porque minha irmã namorava. Coisa de... Eu lembro do meu irmão queimando a mão com cigarro, fechado na mão para o meu pai não ver que ele fumava, o cigarro queimou a mão dele.

Audálio Dantas: A autoridade era fogo, não é? Mas teve...

Presidente: Essa do sorvete é uma história hilariante...

Audálio Dantas: Pois é, que ele chegou com o sorvete...

Presidente: Eu não compreendo por que aconteceu isso e talvez isso seja a razão pela qual eu gosto muito de sorvete. Eu lembro do meu pai... Não era nenhum picolé de alta qualidade, era daqueles picolés redondos. Eu lembro dele chegar em casa com um monte de sorvete e deu para todos os meus irmãos. Quando chegou para mim, falou que eu não sabia chupar sorvete e não me deu.

Audálio Dantas: “Você não sabe”.

Presidente: Então...



Audálio Dantas: Bom, mas aí...

Presidente: Hoje eu sou fissurado em sorvete.

Audálio Dantas: E o seu primeiro sorvete? Porque um dia você pegou o primeiro sorvete...

Presidente: Não, mas aí teve... aí teve outra vez que foi normal, aí outra vez...

Audálio Dantas: Sim, mas foi ele que trouxe ou você foi buscar, foi comprar?

Presidente: Eu não sei por que esses dias...

Audálio Dantas: A sensação de tomar um sorvete pela primeira vez, como é que foi?

Presidente: Deve ter sido muito bom porque...

Audálio Dantas: Ardeu na língua.

Presidente: ...porque hoje, se eu pudesse, eu tomava café de sorvete, almoçava sorvete, jantava sorvete.

Audálio Dantas: E você teve um carrinho, você ganhou um carrinho de presente, você já tinha uns nove anos, se não me engano.

Presidente: É, mas aí foi um... naquele tempo em que as prefeituras davam presente. Aí eu achava o máximo. Era um carrinho que... o aparelho de dar corda é que nem aquele negócio de abrir lata, sabe? Então, você dava corda e



aquilo andava um metro só e parava. Você tinha que dar corda outra vez... Mas era um carro bonito, era um carro azul. Devia ser um Chevrolet.

Audálio Dantas: Era mais bonito que o caminhão amarelo, não?

Presidente: Não, não. Aí...

Audálio Dantas: O caminhão amarelo era insuperável.

Presidente: A imagem do caminhão amarelo era insuperável. Mas o carrinho era um xodó. Mas nós ficamos das oito da manhã acho que até às duas horas da tarde para conseguir pegar esse carrinho, rapaz. Foi um sofrimento.

Audálio Dantas: Uma fila... A fila do carrinho.

Presidente: É. A fila...

Audálio Dantas: Do presente de Natal.

Presidente: Naquele tempo as prefeituras ainda faziam isso.

Audálio Dantas: É.

Ministro Franklin Martins: E o primeiro banho de mar?

Audálio Dantas: Ah, que bom...

Presidente: Ah, mas aí eu era chique, porque o meu primeiro banho de mar era no Guarujá.



Audálio Dantas: ...que virou uma espécie de “meca” dos grã-finos de São Paulo”.

Presidente: Não, eu não consigo compreender. Tinha um trenzinho que saía dali de Vicente de Carvalho até o Guarujá. E a gente pegava o trenzinho e ficava correndo de vagão para vagão, para não pagar.

Audálio Dantas: Ah, maravilha!

Presidente: Porque não tinha dinheiro para pagar. E às vezes, a gente conseguia ir, às vezes a gente não conseguia...

Audálio Dantas: Pulava em movimento alguma vez, do trem, não?

Presidente: Não, não, eu não lembro de ter pulado. Mas, chegava ali no Guarujá, você parava, aí você ia para a praia. Não tinha casa no Guarujá, aquilo era virgem. E era absurdamente grande.

Audálio Dantas: Era uma praia...

Presidente: Tinha pouquinha coisa no Guarujá.

Audálio Dantas: Era muito mais bonito do que hoje.

_____ : (incompreensível)

Presidente: Nada! Menos. É perto, não é tão longe.



Audálio Dantas: E Vicente de Carvalho que fica na beira, quase no porto em Santos, não é?

Ministro Franklin Martins: Mas aí, e o banho de mar?

Presidente: Aí era fantástico!

Ministro Franklin Martins: Você chega a se lembrar da primeira vez?

Presidente: Ah, eu lembro, eu lembro...

Audálio Dantas: Você usava maiozinho ou era com a calça...

Presidente: Era com a roupa que tinha. Eu lembro que... Eu imaginava que a água do mar ia levar a gente, porque você ficava parado... quando a onda passa por você, que ela volta, seu pé vai afundando na terra, a impressão que você tem é que você está indo junto, não é? Então, eu estava na terra, eu estava com a sensação de que o mar estava me levando. Aquilo era fantástico.

Audálio Dantas: Alguma vez você construiu alguma coisa na areia?

Presidente: Ah, brincava muito de areia. Tentava fazer...

Audálio Dantas: Você fazia aqueles açudes...

Presidente: Qualquer...

Audálio Dantas: ... que fazia lá em Vargem Comprida, ou fazia outras coisas?



Presidente: Não, no fundo, no fundo, o que a gente gostava de fazer era cavar buraco para se enterrar. Era (incompreensível) conseguia fazer.

Ministro Franklin Martins: Na areia junto d'água ou na areia quente?

Presidente: Não, na areia junto d'água, na areia junto d'água. Mas é chique não, é? Eu, no extremo da minha miséria, o Guarujá era a minha praia, porra!

_____ : O fundador do Guarujá!

_____ : É, era chique!

Audálio Dantas: Agora, voltando a uma coisa que me impressionou muito. Eu fiz uma reportagem uma vez para a revista Realidade, de uma aldeia na Paraíba em que o povo vivia de catar caranguejo. Como era catar caranguejo? Porque é uma coisa difícil você ir lá no mangue, a lama, aquela coisa...

Presidente: Não, eu não conseguia fazer, mas o meu pai – e até hoje eu vejo na televisão –, eu ficava boquiaberto de como é que o meu pai enfiava a mão em uma toca, ia até o ombro aqui, e saía com um caranguejo na mão...

Audálio Dantas: Eu sei como é que é.

Presidente: ...sem ser mordido.

Audálio Dantas: Eu sei. Depois eu lhe conto. Outro dia, não é, porque hoje, pelo jeito...



Presidente: Hoje, qual é o problema? Hoje, o problema é que, essas mesmas pessoas que pegam caranguejo estão pegando em mangue poluído, em mangue que está cada vez mais rareando os caranguejos. Mas naquele tempo... Era o tempo que a palavra meio ambiente não existia...

Audálio Dantas: Pois é.

Presidente: ... ecossistema não existia, no tempo em que biodiversidade não existia. É do tempo em que você fazia aquilo para comer.

Audálio Dantas: Sim, claro.

Presidente: Eu, hoje, não gosto de marisco, porque eu comi tanto marisco com arroz, na minha vida... Só tinha aquilo, pô!

Audálio Dantas: Risoto de marisco.

Presidente: Não era aquele marisco grudado na parede, não, na pedra. Era aquele marisco é pegado no mangue.

Audálio Dantas: Eu sei, eu sei como é que é.

Presidente: Você vê o barulho dele abrir.

Audálio Dantas: Ahã, ahã...

Ministro Franklin Martins: Mexilhão, assim...

Presidente: Você ia entrando no mangue... É o mesmo marisco... e ouvia o barulhinho dele abrindo...



Audálio Dantas: Sim, sim.

Presidente: ... e você ia catando.

Audálio Dantas: Bom, eu... nós temos... eu...

Presidente: Eu lembro também desse rio Acaraú, é um rio muito... é um rio que deve ser muito estreito. Não deve ser dessa largura assim...

Audálio Dantas: Naquele tempo era quase um São Francisco.

Presidente: ...mas eu imaginava que era muito largo. Então, qual é a lembrança que eu tenho desse rio? Eu tenho a lembrança desse rio, o meu pai, os amigos dele e meus irmãos mais velhos provando quem tinha mais fôlego. Eles pegavam uma barra de ferro e atravessavam andando nesse rio (incompreensível) na barra de ferro. Então, não deveria ser muito largo, não é?

Audálio Dantas: É.

Presidente: Eu lembro, eu lembro de um dia, a gente ia na chata do meu pai, cheia de lenha, e aí começou a entrar água no barco. Eu lembro do meu pai pedindo para os meus irmãos pularem. Então, pularam os meus irmãos, eu não sabia pular... Meu pai mandava eu pular e eu não pulava, eu não sabia nadar, pô! Ele me deu uma remada na cabeça, porque eu não pulei, e eu fui jogado dentro da água. Então, eu tenho essa imagem muito forte na minha cabeça. Tenho a imagem, essa famosa surra que o meu irmão tomou, o Frei Chico, e que meu pai veio bater em mim, é por causa que a gente tinha que ver o barco. A gente foi ver o barco, parou no meio do caminho porque a gente estava com



medo de uma chuva, voltamos e dissemos para o meu pai que a gente tinha visto o barco. Mentira, porque o barco tinha sido roubado naquele dia.

Audálio Dantas: Ah, sim, sim. Eu conheço essa história.

Presidente: Então, nós falamos para ele que o barco estava lá e o barco não estava.

Audálio Dantas: Agora, é curioso que você saiu de uma terra que não tinha água, praticamente, você ia longe para buscar, e de repente você estava no meio da água, não é?

Presidente: Eu lembro, Audálio, eu lembro, eu lembro da minha primeira professora, a dona Teresinha, lá na Escola Ercílio Luz... escola...

Audálio Dantas: Eu vejo isso, eu vejo.

Presidente: ...uma escola lá em Vicente de Carvalho. Eu lembro da minha professora. Eu lembro que teve um ano em que eu fui o primeiro colocado no meu ano, minha irmã foi a primeira colocada, e o meu irmão Frei Chico foi o primeiro colocado.

Audálio Dantas: Maravilha.

Presidente: Meu irmão ganhou um livro chamado “No Reino de Lilliput”...

Audálio Dantas: Qual foi o primeiro livro...



Presidente: ...um livro que você puxava, assim, você puxava e aparecia uma imagem, e você voltava e aparecia outra imagem.

Ministro Franklin Martins: Ah, eu sei como é que é. Aquele que tinha um barbantino, assim, né?

Presidente: É.

Ministro Franklin Martins: Eu sei como é que é.

Audálio Dantas: Qual foi o primeiro livro que você leu?

Presidente: E aí eu fui ganhar, fui ganhar um presente, e no dia da entrega do presente, feita na escola - não sei se foi na escola ou no cinema – exatamente o meu presente não apareceu.

Audálio Dantas: E aí, o que você achou da vida...

Presidente: Ficaram de me entregar o presente depois, na escola, mas não me entregaram. Depois, eu lembro que a dona Teresinha, quando eu vim para Santos, ela queria que eu ficasse em Santos.

Audálio Dantas: A sua professora.

Presidente: Ela queria que eu ficasse em Santos com ela, e aí a minha mãe não quis deixar. E aí tem a minha infância, com dez anos, em São Paulo, que é a parte em que eu já estava virando cidadão.

Audálio Dantas: É. Você foi ajudante de tintureiro...



Presidente: Aí, eu tenho mais noção das coisas. Por quê? Porque...

Ministro Franklin Martins: Só um instantinho, atrás, o primeiro livro que você leu?

Presidente: A cartilha.

Ministro Franklin Martins: A cartilha.

Audálio Dantas: A cartilha. Mas livro de história, assim, você nunca teve nenhum?

Presidente: Não.

Audálio Dantas: Esses do Monteiro Lobato, essa coisa, nada disso?

Presidente: Não, não. No meu tempo de primário... Na escola de Santos, não.

Audálio Dantas: Depois você veio...

Presidente: Depois, na Vila Carioca, sim.

Audálio Dantas: Ah, tá. Aí você começou a ler.

Presidente: Mas, aí eu já estava no terceiro ano de escola.

Audálio Dantas: E a primeira...



Presidente: Mas aí, eu não tenho mais mágoa da infância não, porque eu tenho noção...

Audálio Dantas: Você disse que tem mágoa da infância?

Presidente: Qual é a mágoa? É porque eu não tive infância, ou seja, um moleque que não teve nenhum brinquedo, um moleque que não tinha televisão, um moleque que não tinha cinema, um moleque que não tinha uma bicicleta, um moleque que não tinha uma bola, que não tinha um campo para jogar. Porra, o que eu era, caralho?

Audálio Dantas: Olha, quando você vir esse livro aí, se você tiver tempo, você vai ver imagens de muita gente que está recebendo hoje o Bolsa Família, e pelo menos comem. Mas, se você olhar, você vê que não houve muita mudança - eu acho que você está fazendo alguma coisa para que haja - mas daquela época para hoje. Isso foi feito em 89... em 2007, dois anos, dá dois anos. Dá uma olhadinha, você vai lembrar de coisas, eu imagino.

Presidente: Você sabe por quê? Porque vai levar, vai levar pelo menos...

Audálio Dantas: Claro!

Presidente: ...uma geração e meia para você mudar o atraso.

Audálio Dantas: Eu senti a importância do Bolsa Família nessa viagem.

Presidente: Você tem que sentir a importância do programa Luz para Todos.

Audálio Dantas: Também, também.



Presidente: Eram 2 milhões de famílias, no Brasil, que não tinham...

Audálio Dantas: Não, não. Isso eu tenho...

Presidente: ...nunca tinham visto energia elétrica.

Audálio Dantas:...eu tenho acompanhado.

Presidente: Então, Audálio... Mas depois eu vim para São Paulo. Aí, bom... Aí eu comecei a ter noção das coisas. Por quê? Eu vim para São Paulo em [19]56...

Ministro Franklin Martins: A sua mãe veio para São Paulo por quê?

Presidente: Minha mãe veio para São Paulo porque...

Ministro Franklin Martins: Não, de Santos para São Paulo.

Presidente: Era para arrumar emprego para os meus irmãos mais velhos.

Audálio Dantas: Para sobreviver.

Presidente: Arrumar emprego. Ela veio com os dois mais velhos...

Ministro Franklin Martins: Eles já estavam em idade de trabalhar.

Presidente: ...e deixou, e deixou eu, minhas três irmãs e o Frei Chico em Santos, com o meu pai. Minhas duas irmãs mais velhas ficaram na casa de



uma patroa, em que elas trabalhavam de empregada doméstica, e minha irmã caçula também. E minha mãe veio só com os irmãos mais velhos, para arrumar emprego. Aí, arrumou emprego e foi a Santos buscar a gente, para vir para São Paulo. Nessas alturas do campeonato já era [19]56, eu já tinha 11 anos de idade, eu já tinha 11 anos de idade. Aí já era...

Ministro Franklin Martins: Já era Corinthians?

Presidente: Hein?

Ministro Franklin Martins: Você já era Corinthians?

Presidente: Eu virei Corinthians em [19]54.

Audálio Dantas: Ah, por falar nisso, você ia ver a Copa do Mundo, em [19]50, no Tonzinho e você já se ligava em futebol?

Presidente: Ah, não tinha a menor noção, nada...

Audálio Dantas: Não tinha noção.

Presidente: ...nada, nada.

Audálio Dantas: Porque nós perdemos aquela, né?

Presidente: Eu ia porque meus irmãos iam, mas eu não tinha a menor...

Audálio Dantas: Eles comentaram que o Brasil perdeu?



Presidente: Eu não tinha a menor noção. Os mais velhos?... Mas, também, era uma coisa muito distante para eles. Em [19]54, em [19]54, aí eu já tinha 9 anos e em Santos já era mais civilizado o sistema de rádio. Mesmo assim, era uma barulheira desgraçada para você ouvir o jogo transmitido pelo rádio.

Audálio Dantas:... Presidente... a primeira vez que (incompreensível)

Presidente: E aí eu virei corintiano, porque o Corinthians foi, nesse ano, campeão do 4º Centenário...

Audálio Dantas:... [19]54.

Presidente: ... e eu virei corintiano.

Audálio Dantas:... [19]54. Mas eu sei que o ...

Presidente: Mas aí, deixa eu te contar, aí nesse tempo, nesse tempo de Santos as coisas já mudaram, porque aí você já jogava bola na rua com (incompreensível). Você só não podia estar fora... do portão para fora, quando o meu pai chegasse.

Audálio Dantas: A primeira bola, a sua primeira bola, você ganhou ou você comprou?

Presidente: A minha primeira bola eu comprei. Eu tinha já 16 anos.

Audálio Dantas: A primeira, aos 16 anos?

Presidente: É, fui eu que comprei, uma bola de borracha, não era de capotão, não é? Hoje a molecada não sabe o que é bola de capotão.



Audálio Dantas:... É, eu sei.

Presidente: Mas eu vejo as bolas de hoje, vejo as chuteiras de hoje, e vejo as chuteiras da década de 50...

Audálio Dantas: Qualquer um pode jogar futebol.

Presidente: Puta que pariu! Hoje você põe uma luva, naquele tempo... Eu fui ver a chuteira do Pelé, na sede da Fifa.

Ministro Franklin Martins: Uma bota.

Presidente: Não, porque era um couro duro, um cravo pontudo, e que você tinha que acabar de jogar e passar sebo! É, sebo, (incompreensível) dura. A bola, você acabava de jogar e, se estivesse chovendo, você tinha que secar ela e passar sebo nas cordas para não arrebentar. De vez em quando, você estava jogando e a bola abria aquela corda assim, ficava um (incompreensível) do lado de fora da... bola de capotão. Está lembrado? A número 5 era a oficial.

Audálio Dantas: Sim, claro, claro!

Presidente: A número 5 era a oficial. Mas aí eu já tinha amigos na rua, já... a gente só não podia estar fora do portão quando o meu pai chegasse.

Audálio Dantas: Todo mundo dentro de casa.

Presidente: Aí era, era... Meu pai, eu lembro de uma vez meu pai colocar um cigarro na minha boca. Eu tinha uns 9 anos de idade, tinham caído uns pintinhos dentro de uma fossa.



Audálio Dantas: Fossa séptica?

Presidente: Quanta...

Audálio Dantas: Que séptica...

Presidente: Merda para caralho. E era preciso pegar os pintinhos da fossa, e fedia para cacete. Então, meu pai colocou um cigarro na minha boca para eu pegar o pintinho, porque a fumaça acho que diminuía o cheiro da merda. Aí eu lembro também de uma cena, eu lembro também de uma cena, que o meu pai tinha uma cachorra chamada Diana, que era uma cachorra de que ele gostava. Meu pai tinha muitos cachorros.

Audálio Dantas: Era caçador, não é?

Presidente: Eu... no livro eu conto isso, no livro... Meu pai comprava pão para a gente e comprava um pão especial para ele, era uma broa. E ele colocava essa broa em uma lata de leite Mococa, vazia. Ele comia de manhã, guardava o pão dele, ninguém mexia no pão dele. E eu... Hoje eu tenho a imagem mais nítida na minha cabeça. Eu ficava puto, porque ele chegava à tarde, sentava à mesa, pegava o pão dele, comia, e não dava para a gente.

Audálio Dantas: É, realmente... Mas tinha outro pão para vocês comerem?

Presidente: E às vezes ele jogava até uns pedacinhos para os cachorros (risos). Mas eu lembro dessa, eu lembro dessa cachorra Diana, ela comeu um osso de costela, ela comeu... Eu ainda estava em Santos, portanto, eu tinha 9 anos ou 8 anos de idade. E eu lembro que essa cachorra comeu um osso de costela e se engasgou com o osso. Aí, meu pai – meu pai era um animal – aí meu pai vai, pega o talo de um cacho de banana, corta e pega aquele negócio que segura o cacho de banana...



Audálio Dantas:... O buzungo...

Presidente: ... segura a cachorra, abre a boca, e manda o meu irmão empurrar aquilo dentro da cachorra!

Audálio Dantas:... Aaai! (incompreensível)

Presidente: Simplesmente matou a cachorra!

Audálio Dantas: E aí, o que você achou disso?

Presidente: A cachorra morreu, coitada. Era assim, um sofrimento...

Audálio Dantas: Mas, companheiro Presidente...

Presidente: ...um sofrimento... Meu pai, realmente... Você veja, meu pai tinha 26 filhos...

Audálio Dantas:... Nossa!

Presidente: ...e ele morreu como indigente, morreu como indigente. Ele era um homem...

Audálio Dantas: Você já estava no Sindicato, nesse tempo...

Presidente: Ele pegava um irmão meu, o Rubens, meu pai batia nele de corrente.

Audálio Dantas: Você vai encontrar um pai assim no Graciliano, viu?



Presidente: Nas costas dele. As costas dele, do meu irmão... Aí, ele batia tanto nesse meu irmão, que nós convencemos a minha mãe a ir buscar esse moleque para morar com a gente em São Paulo. Foi um sofrimento da minha mãe, porque a minha mãe... era receber o filho da “puta”, da inimiga dela, da mulher que roubou o marido dela. Mas, de qualquer forma, a minha mãe aceitou. Aí nós fomos buscar o Rubens. Esse Rubens era um animal. Ele, ele estava em casa, e se chegasse alguém estranho, ele corria. Às vezes, era meia-noite, uma hora da manhã, e eu estava procurando ele na rua. Quando eu o encontrava, metia-lhe porrada. Ele era da minha idade. Porra, porque o filho da puta fugiu, eu que tinha que procurar ele! Mas eu e ele nos dávamos bem, ele só tinha esse lado animalesco dele. Mas quando ele chegou em casa, parecia um animal, sabe um animal acuado? De tudo ele tinha medo. Rapaz, a primeira vez que nós fomos tirar a camisa dele, as costas dele eram pus puro, porque o meu pai batia nele, amarrava a mão dele em uma corrente, e arrastava ele na rua!

Audálio Dantas: Etos!

Presidente: Na rua...

Audálio Dantas: De castigo!

Presidente: Arrastava ele na rua, de...

Audálio Dantas: Você viu essa cena?



Presidente: E ele não... Não, eu não vi. Mas isso, quando nós fomos buscar ele, os vizinhos... Nós fomos buscar porque os vizinhos, uma... tinha até uma parente da irmã da...

Audálio Dantas: Ele tinha algum problema mental, esse menino?

Presidente: Não, ele era um moleque bom, rapaz! Você veja, na campanha de [19]89, a imprensa foi tentar pegar ele, que estava em uma miséria, morando lá na Ilhabela, “por que o Lula não ajudava ele?”...

Audálio Dantas: Ah, essas coisas...

Presidente: ...e ele falou o seguinte: “O Lula não me ajuda porque ele não tem obrigação de me ajudar, e meus irmãos vieram aqui trazer roupa...”

Audálio Dantas: E não é para isso que se elege, não é?

Presidente: “... e meus irmãos vieram aqui trazer roupa para mim...” Não, porque aí o Vavá e o Frei Chico foram levar roupas para ele, e ele falou: “Não quero, não. Eu estou vivendo assim porque eu quero viver, porra.”

Audálio Dantas: Puta merda!

Presidente: Ele era um moleque da cabeça boa.

Audálio Dantas: Como é que ele chamava, mesmo?

Presidente: Rubens. Aí nós mandamos ele embora, porque ele começou... A gente fez um sacrifício para convencer a minha mãe. Aí, um dia meu irmão



mais velho me bateu por causa de uma discussão que eu tive com ele. Aí, minha mãe ficou puta. Minha mãe falou: “Agora, leve embora, porque meu filho não vai apanhar por causa do filho da ‘puta’.” Aí, minha mãe mandou levar ele embora. Aí, levou embora para Santos. Meu pai era... meu pai era muito duro, era bruto. Como diria um bom nordestino, pense num cara bruto!

Audálio Dantas: Era ele.

Presidente: Você veja, um dia, um dia meu pai estava no portão, conversando com um compadre dele que morava – era como se eu estivesse aqui e ele estivesse ali na sala do Gilberto, a casa do compadre do meu pai. Aí, os dois estavam no bar tomando uma cachaça. Não sei o que aconteceu, foram até o portão da minha casa, ficaram conversando. Aí, esse compadre do meu pai falou: “Aristides, espera um pouquinho, que eu vou ter que ir até em casa.” Aí foi em casa, chegou perto do meu pai com uma navalha e deu duas navalhadas no meu pai, as vísceras do meu pai caíram para fora!

Audálio Dantas: Putz!

Presidente: Perdeu um pulmão!

Ministro Franklin Martins: E por que isso?

Presidente: Não se sabe, até hoje, o porquê.

Audálio Dantas: Devia ser uma desforra, não é?

Presidente: Eram amigos de caçar, eram amigos de caçar juntos! Aí depois, Audálio, em [19]79, eu levei a Marisa, em [19]79 eu levei a Marisa para



conhecer o meu pai. Então, eu levei a Marisa e levei os dois filhos. Eu já tinha o Marcos e já tinha o Fábio Sandro. Eu resolvi levar para conhecer o meu pai. Falei: vamos conhecer o velho. Porque ele andou num processo de esquizofrenia. A irmã do meu cunhado, que morava vizinho da gente lá em Santos, ligou para os meus irmãos e disse: “Ó, o seu pai não está bem porque ele vem aqui na minha casa, se tranca no banheiro, começa a chorar, fala que vai acontecer não sei o quê com ele”. Aí nós fomos lá. Alugamos uma Kombi e fomos todos os irmãos para ver o meu pai. Achamos ele legal, nada de diferente, a não ser... ele era aposentado, morava num barraco, que até hoje é um lugar... um muquifo, que não era antes. Foi piorando, porque as coisas só pioraram. E foi um terreno que o governador deu em [19] 50 e poucos, que era o governador Ademar de Barros...

Audálio Dantas: [19]50 e poucos, por aí. Ele foi governador nessa época.

Presidente: Então, eu sei que deram muita terra para gente em Vicente de Carvalho. Quem quisesse pegar lote de 500 metros, de 300 metros, podia pegar. Até eu sair de lá tinha poucas casas, mas agora virou uma favela. Aí eu levei meu filho para ver: você vai conhecer o avô de vocês. Eu falei: mas, como é que ele vai estar? Ele estava tão alegre e não sei das quantas. Morava em um barraco fodido. Aí o moleque pede para ir ao banheiro e aí eu senti que ele ficou com vergonha. O moleque pede... Ele não tinha banheiro. Era um buraco com duas tábuas aqui, assim, que tinha que acertar ali no meio para... A molecada achou maravilhoso, a molecada achou uma novidade do caralho aquilo lá. Mas ali eu senti, ali eu senti que ele ficou com vergonha.

Audálio Dantas: Bom, era um...

Presidente: Então, ele... O que é que ele... Ele era muito mulherengo, o filho



da puta. Quando ele recebia o pagamento dele, aí ele queria comer todas as putas que tivesse lá em Vicente de Carvalho. Aí o dinheiro acabava logo.

Audálio Dantas: Maravilha, maravilha. Bom, eu...

Presidente: E a outra mulher largou dele.

Audálio Dantas: Você dá licença de eu trabalhar contra mim nesse momento? Eu vejo que há gente aqui aflita...

Presidente: Mas deixa eu lhe falar...

Audálio Dantas: O Franklin fica...

Franklin Martins: Não, eu estou tranquilo. Ele...

Presidente: Mas deixa eu falar uma coisa, deixa eu falar uma coisa franca com você. Eu... Nesses dias agora, eu vou ficar aqui até... Eu só tenho uma viagem agora, que é ao Paraguai, no dia 24, mas eu vou colocando a minha cabeça em dia. Vou para São Paulo neste final de semana, vou visitar o Vavá, a Maria Baixinha, vou conversar algumas coisas com eles. Se tiver alguma coisa nova, eu te ligo para a gente...

Audálio Dantas: Está bom.

Presidente: Porque esse negócio de a gente lembrar da infância...

Audálio Dantas: Eu ia dizer...



Presidente: ...é que você vai conversando, conversando. Tem que ter uma rodinha de pessoas para a gente conversar.

Audálio Dantas: Eu ia dizer o seguinte: se você promover uma reunião dessas vai ser bom.

Presidente: Eu posso... eu vou tentar fazer isso.

Audálio Dantas: Eu vou lá. Tenta. Fala com o Ricardinho. Eu fiquei na casa de praia dele esse fim de semana.

Presidente: Eu vou tentar, eu vou tentar falar.

Audálio Dantas: Do Ricardinho Kotscho.

Presidente: Esta semana eu vou visitar a minha irmã Maria, vou visitar o Vavá. Se eles quiserem fazer uma rodinha para a gente tomar...

Audálio Dantas: Ah, maravilha.

Presidente: ...um uísquezinho, conversar e rodar...

Audálio Dantas: O Frei Chico, eu adoro.

Presidente: ...e rodar a palavra ali.

Audálio Dantas: Eu ia lhe dizer que para esse...

Presidente: Porque essas coisas a gente vai lembrando é assim.



Audálio Dantas: ...para esse tipo de coisa é melhor o máximo de descontração...

Presidente: É isso.

Audálio Dantas: ...de tempo, etc e tal.

Presidente: É isso. Eu sei como é isso.

Audálio Dantas: Então, eu fico...

Franklin Martins: Sem nenhum chato por perto para...

Audálio Dantas: Eu vou lhe dizer o seguinte...

Presidente: Não, um monte de caras...

Franklin Martins: (incompreensível)

Audálio Dantas: Eu vou, naturalmente, viu, Franklin, eu quero agradecer...

Presidente: Mas não vamos terminar aqui essa coisa, não, porque eu acho que tem mais coisas.

Audálio Dantas: Ah, claro, claro. Mas eu quero agradecer...

Franklin Martins: (incompreensível) uma coisa, assim, de pegar um dia que o senhor vá a São Paulo.



Audálio Dantas: Isso, isso.

Presidente: Eu vou tentar, eu vou tentar pegar. Em São Paulo, eu mando um carro pegar você e vamos conversar, eu, você e meus irmãos.

Audálio Dantas: Maravilha, maravilha. O Franklin tem os telefones, tudo. Eu fico...

Presidente: Eu te localizo, meu filho.

Audálio Dantas: ...fico muito grato. Olha, então, além...

Presidente: Isto aqui é meu.

Audálio Dantas: Esta revista aí é o que eu estou fazendo agora.

Ricardo Stuckert: Trinta segundos de fotos.

Ministro Franklin Martins: Pode fazer, pode fazer.

Audálio Dantas: Ah, legal. Mas eu lhe agradeço muito esta oportunidade, viu, dr. Luiz Inácio Lula da Silva.

(\$31DHJLP)